

- Princeza:** «A elles senhor deveis
Premial-os muito bem;
E a quem me acompanhou
E' pr'a commigo casar.
- Rei:** — E a estes perros mouros?
- Princeza:** «Botae-lhe uma braga ao pé,
Que sempre foram inimigos
D'esta nossa santa fé.
- Rei:** — Haveis de mandar, senhor,
No vosso santo serviço.
- O Conde de Luz-Bella:** — Ainda agora começo
No meu anno de serviço. *
Governae-vos, senhor,
Que estaes mais lesto n'isso.

*Casaram, e o pae quer-lhe offerecer a corôa, mas elle não quer
acceitar.*

THEOPHILO BRAGA.

A GRADAÇÃO PROSÓDICA DE A

NA 1.^a PESSOA DO PLURAL DO PRESENTE E PRETÉRITO
DOS VERBOS DA 1.^a CONJUG. EM PORTUGUÊS

Define-se gradação

A vogal duma raiz, na morfolojia de vários vocábulos que desta se formem, não é elemento constante: pode subir ou descer na *altura acústica* ou número de vibrações sonoras, e ganhar ou perder em *tempo* durante a sua emissão.

A maior ou menor altura acústica duma vogal é adquirida na sua articulação com mudança de ordem orgânica; chamamos-lhe *gradação qualitativa* da vogal. O resultado d'esta gradação é em glotolo-

gia o *timbre* da vogal; e o *timbre* diz-se *fundamental* quando a vogal

occupa um dos ângulos do triângulo \triangle
 $\begin{matrix} & a & \\ & \diagdown & \diagup \\ & i & u \end{matrix}$

A maior ou menor duração de tempo na emissão duma vogal, sem mudança de ordem orgânica, é a *gradação prosódica quantitativa* da vogal.

A maior ou menor intensidade dum timbre, adquirida na sua articulação ¹ sem mudança de ordem orgânica, é a *gradação prosódica de acento*.

Gradação, em jeral, é pois a altura ou número de vibrações, a duração e a intensidade, correspondentes a um dado timbre.

A gradação pode ser meramente no timbre, ou ser no timbre
e ter valor morfológico

Nem todas as vogais dum idioma tem estas tres espécies de gradação. Assim em sânscrito não ha *e* nem *o* breves; no falar português dentre Mondego e Tejo não ha vogais longas por natureza, e só apparecem pe'la crase de tres pelo menos, homojéneas, na frase.

Ha dialectos duma mesma lingua em que nas mesmas formas se dá gradação, de um para outro dialecto dessa lingua, sem que por tal facto as formas tendam a representar valores de concepção diferentes; é a *gradação dialectal*, qualitativa ou enantitativa. Assim a vogal *o* em *nome* é *o = ô*, e *o = ô*; *a* em *louçamos*, 1.^a pl. pr. ind. é *a = á*, *a = â*, *a = ã*, *a = ê*. Nestes exemplos a gradação não é meramente prosódica, e chega a ser, para *a = ê*, fundamentalmente qualitativa; mas em nenhum tem importância formal ou morfológica. A função é a mesma.

Ha dialectos em que a gradação qualitativa duma vogal em duas formas idénticas, tem valor morfológico sem que todavia a vogal soffresse gradação qualitativa fundamental. Assim *a* em *louçamos*, no dialecto do centro do reino, ou dentre Mondego e Tejo, sofre a gradação que lhe dá o timbre de *á* para *à* quando a forma *louçamos* de representar a concepção do presente passa a representar a do passado.

Ha dialectos em que um fonema vocálico sofre gradação qualitativa numa forma, sem que essa gradação denuncie alteração no conceito expresso e só patenteie acção fisiológica reciproca dos órgãos articulatórios. Assim no falar dentre Mondego e Tejo *ê* tende a passar jeralmente para *ái*, toda vez que a articulação immediata seja palatal, exemplos: *artelho* = *artêlho* = *artêilho*, *espelho* = *espêl o* = *espêilho*, *venha* = *vênha* = *vênha*, — *ái* nestes exemplos é igual a *a* de *banha*, não é *ai* de *banha*. Temos no falar português gradação

¹ Defino vogal o resultado da articulação modulada em seguida ao desempedimento de preclusão glótica.

eualitativa de *ou* para *ô, õ*, de *u* para *û*, no mesmo vocábulo, exemplos: *pouco* = *pâco* = *püco* ¹, *tudo* = *tüdo*; e ainda *ou* = *ôi* = *ô* = *õ*, como em *noute* = *nôite* = *nôte* = *nöite* ².

A gradação duma vogal num dialecto indica modificação no conceito, traduz um facto psicológico

O facto de a vogal da raiz ser alterada na sua natureza fundamental num dialecto e ainda na modulação para o mesmo timbre fundamental ou na unidade de tempo, é um processo morfológico de linguagem para se expressar modificação ou diferenciação psicológica.

Pode, porém, o processo morfológico na transformação de uma lingua em dialectos, conservar identidade de formas para diferentes conceitos, identidade na gradação num dialecto, e dar a distinção gradativa a outro.

Os verbos chamados fortes são um exemplo da gradação representativa da modificação psicológica.

Aplicação destes principios ás formas da 1.^a pessoa no plural do presente e pretérito do indicativo dos verbos portuguezes

A 1.^a *pl. pr.*, no indicativo dos verbos da nossa 1.^a conjugação provém de forma latina, cuja flexão é *-mus*, e cujo radical termina em *ã*, como por exemplo o radical *laudã-* em que a raiz é *√laud*.

A 1.^a *pl. pret.*, no indicativo, dos mesmos verbos, provém de forma latina em que a flexão é a mesma, *-mus*, e o radical é perifrástico, por exemplo *laudã-ri-* por *laudã-ri-* de *laudã-fui*.

O reino divide-se, relativamente à gradação cuantitativa das vogais, em duas regiões glotológicas: numa, ao norte, ha vogais longas, noutra, ao centro e sul não ha vogais longas por sua natureza.

A forma gráfica portuguesa *louvamos* corresponde ás duas latinas *laudã-mus*, *laudã-ri-mus*. Na região glotológica do reino, onde ha vogais longas, o *a* de *louvamos*, no presente, é *a* longo e aberto, como são abertas as outras vogais longas da mesma região. Corresponde ao *a* latino do radical *laudã-*. Na região glotológica do reino, onde não ha vogais longas, o *a* de *louvamos*, no presente, é *a* breve e fechado, como é natural por influencia fisiológica da nasal *m* da flexão *-mus*.

Um *a* longo corresponde a dois *aa* breves, e portanto a articulação da nasal não pode influir no primeiro que fica aberto protegido pelo segundo. Mas pelo contrário influi na única vogal *a* existente na mesma forma no centro e sul do reino; a prolongação não impede este fenómeno fisiológico, pois que ella não existe.

¹ Diz-se tambem *poico*: se não o podemos condenar, não o escreveremos.

² Pode-se escrever *noute* ou *noite*.

Assim a 1.^a *pl. pr.*, no indic., dos verbos da 1.^a conj. em port., é na maior parte do norte do reino em *-âmos*, e no centro e sul em *-âmos*.

A forma latina *laudâ-vi-mus* transformou-se em português noutra forma na qual *a* representa a contracção de *â-vi*. Ora esta contracção nunca podia dar *a* com menor gradação do que *a* longo em dialectos que tenham vogais longas; e, por isso mesmo que foi contracção, o facto morfológico obstou a que a articulação *m* desse ao *a* o som fechado *â*, na região em que as vogais são por natureza breves.

Assim em o norte o *a*, longo e aberto, de *louvamos*, 1.^a *pl. pres.* e *pret.*, do indicativo, representa *â* de *laudâ-*, e *â-vi-* de *laudâ-vi-*, contracto. Ali a mesma gradação quantitativa e qualitativa corresponde à vogal longa e à contracção. Confundiu-se pois na pronúncia uma e outra formação portuguesa. No centro e sul o *a*, breve, fechado, da 1.^a *pl. pr.*, do indic., representa *â* de *laudâ-*; emquanto o *a*, breve, aberto, da 1.^a *pl. pret.*, no indic., representa a contracção de *â-vi* de *laudâ-vi-*. Aqui a mesma gradação quantitativa (breve) corresponde também à vogal longa e à contracção; mas a gradação qualitativa, embora não fundamental, estorvou a confusão das duas formas oriundas. ¹

Se alguns dos gramáticos portugueses desconhecem estes factos e negam a necessária distincção das formas, como ela existe principalmente no centro do reino, só podemos attribuir esse desconhecimento a serem modernos os estudos de glotologia em Portugal. Comprehe-as fazê-los.

Que haja algum, porém, que por seu errado critério se abalance até a dizer: «se fosse indispensável differenciar as duas flêsois nos verbos da 1.^a conjugação, sel-o-ia também nos da 2.^a e 3.^a: devendo-se dizer, para distincção, no presente *comêmos*, *partlmos* (como diz) e no pretérito *comêmos* e *partlmos*» ² — é isto caso muito para lastimar.

Esta distincção existe nos verbos chamados fortes, como são *ter*, *haver*, *fazer*, *dizer*, *saber*, *poder* e outros. Assim: *temos tiremos*, *hacemos houremos*, *fazemos fizemos*, *dizemos dissemos*, *sabemos soubermos*, *podemos pudemos*, *cabemos coubermos*, *podemos pusemos*, etc., etc. ³

¹ No sul do reino encontra-se a confusão entre as duas formas: é porém em direcção contrária prosódica à do norte. Confundem-se em *-âmos*. Nalguns pontos da região central próximos da região norte confundem-se em *-âmos*. Podemos porém dizer que a tendência mais característica é em *âmos* e não em *-âmos*, ou *-âmos*; assim em Trás-os-Montes; e na Beira; é notável que (segundo me refere o sr. Leifé de Vasconcellos) em Zeive, Trás-os-Montes, se pronuncie *-âmos*, no presente, e *-âmos* no pretérito. Cf. a nota I de pg. 34.

² O sr. Barbosa Leão in «Gramática Portuguesa», 1.^a ed., pág. 77.

³ O meu amigo o sr. Leite de Vasconcellos refere-me em uma carta que em Baião (Baixo-Douro) se diz *-âmos*, no presente da 2.^a conj., e *-âmos* no pretérito da mesma; e que na 1.^a conj. se diz *-âmos* no presente e *-âmos* no pretérito.

Nos verbos em *-ir* não seria possível dar-se a distinção que nem existe ela na vogal *i* em nosso falar português. Se porém, a distinção não pode dar-se conservando-se a vogal fundamental *i*, dá-se ainda assim na conjugação por exemplo do verbo *vir* cuja 1.^a pl. pr. é *vimos* e cuja 1.^a pl. pret. é *viemos*.

CONCLUSÃO

Portanto convém que se escreva: *-amos* no presente, *-ámos* no pretérito. Os habitantes da região do norte podem pronunciar *-âamos* ou *-ámos* em ambos os tempos, os habitantes da região do centro e sul vêem logo marcada gráficamente a distinção morfológica existente principalmente na pronúncia de todo o centro.

Se alguém confunde na pronúncia única *-ámos* as duas formas, é esse facto, e mais ainda os esporádicos, daqueles de que não temos de curar para que se estabeleça a ortografia. São verdadeiramente sem influência para a função normal, fisiológica, que devemos estudar.

Tal é o princípio de respeito dos dialectos, e da história da lingua, o qual sempre tive em atenção na ortografia em cujas bases colaborei e as quais rediji como correm impressas.

Lisboa 12 de janeiro 87.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

O JUDEU ERRANTE EM PORTUGAL

A lenda conta o seguinte:

Quando Jesus Christo, subindo ao Golgota, com a cruz ás costas, passou, exausto de forças, na íngreme rua da amargura, diante da officina de um sapateiro hebreo, os soldados que o escoltavam, pediram compadecidos (ou o proprio Christo rogo humilmente) ao sapateiro que lhe permittisse repousar um instante na sua casa. Este, porém, não só recusou, mas, escarnecendo do cruel martyrio do Deus-Homem, gritou, empurrando-o brutalmente: « Anda! caminha! » E um eco celeste, repetindo esta ordem despiédosa, respondeu: « Anda! caminha! »

E' desde então que o *Judeu errante*, o *Judeu immortal*, marcha sem parar e sem achar repouso em parte alguma, impellido por uma